

A PASSAGEM DE SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR PELO BRASIL EM 1960 *

Luís Antônio Contatori ROMANO

RESUMO A Passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960 é o título de minha Tese de Doutorado em Letras. Trabalho que teve por base uma pesquisa documental em periódicos brasileiros. Procurei, inicialmente, tratar das polêmicas, no Brasil, em torno do pensamento de Sartre, desde a óptica de críticos católicos a partir da década de 1940 até a vinda do pensador francês com as novas que trazia de sua recente visita à Cuba revolucionária. Em seguida, há uma tentativa de reconstituição do itinerário desses intelectuais franceses por diversos locais do País, focalizando o contato direto que tiveram com nossas elites intelectuais e artísticas, além de encontros com sindicalistas e estudantes. Procuro também recompor a polêmica motivada à época pela proposta, trazida por Sartre, de uma literatura popular e engajada. Finalmente, meu trabalho visa a tratar do teatro de Sartre, sua recepção no Brasil, anterior à visita do autor, e dos debates por ele estimulados no meio dramático brasileiro.

Minha tentativa de reconstituição da passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960 teve como base documental uma pesquisa em periódicos, tão larga quanto possível, iniciada, já durante o mestrado, em arquivos da Unicamp, como Cedae (Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio) e AEL (Arquivo Edgard Leuenroth), e na Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo, estendida depois por arquivos e bibliotecas do Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Mais de cem matérias jornalísticas foram localizadas em periódicos da época, além de textos mais recentes que contribuíram para a tarefa de reconstituição, à luz projetada pelo tempo, do significado dessa visita.

Dentre esse material jornalístico, alguns textos de autores célebres como Benedito Nunes, Sábado Magaldi, Gilles Granger, Alceu Amoroso Lima, Adolfo

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Teoria Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, no dia 22 de agosto de 2000, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas.

Casais Monteiro, José Guilherme Merquior, Gérard Lebrun, Luiz Roberto Salinas Fortes entre outros discutiam a fundo o teatro, a literatura, os problemas filosóficos e a recepção que as idéias políticas do pensador tiveram no Brasil. Outros desses textos se constituíam de material informativo sobre o itinerário de Sartre e Simone de Beauvoir; os demais contribuíram para preservar a memória de suas atividades mundanas, nesse sentido foram essencialmente importantes crônicas de Néelson Rodrigues para o jornal *Última Hora*, Paulo Mendes Campos para a revista *Manchete*, José Condé para o *Correio da Manhã* e Maurítônio Meira para o *Jornal do Brasil*. De especial interesse para o trabalho de reconstituição foram também os depoimentos pessoais dos professores Fausto Castilho e Luiz Orlandi.

Meu trabalho se guiou por uma tentativa de confrontar o material jornalístico e os depoimentos pessoais com as considerações de Simone de Beauvoir em sua narrativa sobre a viagem ao Brasil, inserida em um de seus livros de memórias, *La force des choses*, lançado em 1964 na França e no ano seguinte no Brasil, traduzido com o título de *Sob o signo da História*.

O texto final da tese está dividido em quatro partes. Na primeira parte, procurei tratar da recepção do pensamento existencialista no Brasil. Primeiro, com Euríalo Canabrava, no início dos anos 40, quando publicou *Seis temas do espírito moderno*, sem ainda mencionar a obra do, então, jovem Sartre, e, nos anos 50, com Alceu Amoroso Lima, que publicou *O Existencialismo e outros mitos de nosso tempo*, que já continha discussões sobre a obra de Sartre e fazia ecoar no Brasil posições católicas a que o filósofo iria rebater em *O Existencialismo é um humanismo*.

O pensamento católico tece o pano de fundo a partir do qual serão desenhados alguns dos pontos de vista sobre as idéias de Sartre nos meios pensantes nacionais. Sartre é bastante citado, por exemplo, por Oswald de Andrade, que, na obra *Um aspecto antropológico da cultura brasileira: o homem cordial*, considera o Existencialismo como uma forma de reação às leis do patriarcado; essa filosofia revelaria, para esse autor, uma concepção de mundo liberta de Deus. Benedito Nunes, em 1960, poucos meses antes da visita do filósofo, polemiza com intelectuais católicos franceses que tentaram aproximar temas de *Os seqüestrados de Altona* de uma visão católica, procurando ver uma quase inconsciente salvação de Sartre para os dogmas cristãos. Posteriormente, no início dos anos 70, Benedito Nunes faz uma leitura da obra de Clarice Lispector, em que dialoga com visões místicas, a partir do sistema conceitual de Sartre.

Pouco antes de vir ao Brasil, o pensador francês estivera em Cuba. Sua influência chega ao auge entre nossa juventude universitária ao trazer para cá uma visão otimista dessa revolução. Artigos nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Última Hora* e na revista *Anhembi* propõem que Sartre permaneça no Brasil, como antídoto para a mentalidade utilitária que se formava durante os anos desenvolvimentistas de J.K.

Para discutir as relações de Sartre com o Marxismo, tema da conferência pronunciada em Araraquara como resposta a uma pergunta que o Professor Fausto

Castilho enviara ao Recife, porta de entrada de Sartre no Brasil, e entender o que seria uma revolução brasileira e o papel da literatura nesse processo, recorri a contrapontos com autores como Néelson Werneck Sodré, Sérgio Buarque de Holanda e Roberto Schwarz. Também com Herbert Marcuse, que contribuiu com reflexões sobre a autonomia da arte e o papel do escritor como aquele que é capaz de atuar sobre a percepção do leitor através da força lírica que move.

Na construção do texto que compõe a segunda parte, procurei acompanhar o itinerário de viagens e atividades - quase sempre preparadas pelo cicerone Jorge Amado -, mas reconheço que a documentação pesquisada não conseguiu evitar de todo que essa visão de conjunto permanecesse fragmentária. Pois não há informações relevantes na imprensa brasileira sobre a passagem de Sartre e Simone de Beauvoir por Ceará e Norte do País; além disso nem sempre foi possível o confronto entre as informações obtidas através das memórias de Simone de Beauvoir e aquelas encontradas na imprensa nacional. Acredito, porém, que isso não seria uma falha específica deste trabalho, mas uma condição de qualquer proposta de reconstituição - fragmentária sempre e, por isso, necessariamente interpeladora da imaginação. Talvez essa consciência minha seja uma amostra da influência das reflexões de Antoine Roquentin, decepcionado frente à impossibilidade de reconstituição fiel da biografia do Marquês de Rollebon, em *A náusea*.

Entretanto, a impossibilidade de uma linearidade absoluta não me parece obscurecer o interesse revelado pelas experiências brasileiras de Sartre e Simone. As pequenas gafes, os hábitos do casal, a descoberta - necessariamente recíproca - entre os visitantes e a sociedade visitada, os passeios... parecem mesmo constituir a riqueza maior da pesquisa e procuram quebrar, neste texto, a formalidade das opiniões literárias, filosóficas e políticas de Sartre.

Dois posturas parecem oscilar nessa recepção que tiveram no Brasil. Sartre e Simone de Beauvoir são vistos como celebridades mundanas por pessoas que pouco conheciam de seus pensamentos; nesse âmbito Simone não encontra interlocução em um meio feminino de incipiente feminismo. Procuo trazer à luz episódios como a característica mordacidade da imprensa nacional ao atribuir o sucesso das conferências da feminista Simone de Beauvoir à presença de Sartre no Brasil, mesmo quando ele estivesse delas ausente.

De outro lado, a presença do filósofo-literato público e ativista político é variada e rende profícuo diálogo. Pensador radical, cujo cortante estilo, ao abordar em São Paulo aspectos de nossos contrastes sociais e políticos, desencadeia exaltação em meios universitários e jornalísticos e ofensa a nacionalistas sensíveis. Pensador de ação, capaz de gestos simbólicos de reconhecimento da nova terra "descoberta", que visavam a também marcar posições políticas, como a visita a uma favela no Rio de Janeiro no momento em que Carolina de Jesus publicava *Quarto de despejo*, antípoda da consciência revolucionária. Escritor, engaja-se na difusão da Revolução Cubana através da fatura de um prefácio para a edição relâmpago de *Furacão sobre Cuba*, cujos textos originais, série de reportagens sobre a ilha

revolucionária publicada no *France-soir*, foram cedidos pelo próprio Sartre e traduzidos pelo jornal *Última Hora* em apenas uma semana. Como polemizador engajado, foi importante sua aparição, pela primeira vez, em um programa de televisão, falando sobre política, filosofia e literatura na TV Excelsior de São Paulo. Como também os encontros com a intelectualidade no Rio de Janeiro, com sindicalistas, pessoas do meio teatral, professores e estudantes em São Paulo, a quem pregou a solidariedade à Revolução Cubana, à Argélia, em guerra de libertação contra a França, e propôs, de forma tímida devido à presença de Jorge Amado, o voto em Jânio Quadros.

Entre os encontros de Sartre com personalidades que faziam parte de nossa vida pública e cultural, alguns têm especial importância.

Sartre e Simone manifestam interesse em assistir a um ritual de Candomblé, cuja influência constatam mesmo entre as elites urbanas. Jorge Amado os leva a um terreiro em Salvador, onde se encontram com o fotógrafo e antropólogo francês, radicado na Bahia, Pierre Verger. Essa visita motivou interessantes reflexões de Simone sobre os transe durante as sessões de Candomblé, que via como momentos de integração na comunidade de um povo cindido em sua cultura e desvalorizado nas relações sociais. Procurei cotejar essa interpretação com observações do próprio Verger.

No Rio de Janeiro, os visitantes encontram-se com Luís Carlos Prestes, que Simone afirmava conhecer através da leitura de *O cavaleiro da esperança*, de Jorge Amado. Desgostaram do líder do P.C. por este apoiar a candidatura Lott, por atacar as Ligas Camponesas e pregar a moderação. Simone de Beauvoir concluiu que para Prestes “o Brasil tornar-se-ia um país socialista, desde que nada fizesse para isso”¹.

Ainda no Rio de Janeiro, encontram-se com Oscar Niemeyer, que os convida para conhecer traços de sua arquitetura em Belo Horizonte e para conduzi-los a sua obra máxima, a recém-inaugurada capital federal. Nessa “maqueta em tamanho natural”, como considerou Simone de Beauvoir, Niemeyer os leva para um encontro com o Presidente Juscelino Kubitschek. Se André Malraux chamou Brasília de Capital da Esperança, quando a visitou em 1959, e reconheceu nas colunas do Alvorada importância comparável às gregas, a Sartre e Simone não agradou a obra de Niemeyer, não por sua elegância, que reconheceram, mas por seu urbanismo discriminatório, criação de arquitetos socialistas para um país que, de modo selvagem, ingressava na realidade capitalista. Afeita à aventura da descoberta das diferenças que as viagens são capazes de proporcionar, em sua narrativa, Simone mostra-se decepcionada com a organização do espaço urbano de Brasília:

(...) a rua, esse lugar de encontro entre moradores e turistas, lojas e residências, veículos e transeuntes - graças a essa mistura caprichosa sempre imprevisível - a rua, tão cativante em

¹ Simone de Beauvoir. *Sob o signo da História*, vol. II, p. 264.

Chicago como em Roma, em Londres como em Pequim, na Bahia como no Rio, por vezes deserta e sonhadora, mas cujo silêncio é vivo, a rua em Brasília não existe e nem existirá.²

Na terceira parte, procurei compreender as implicações de uma literatura popular proposta por Sartre para o nosso País. Uma questão posta durante o I Congresso de Crítica e História Literária do Recife foi relativa à definição do público dessa literatura, uma vez que havia restrições quanto à grande parcela de analfabetos na população brasileira, como também restrições financeiras para o acesso aos livros. Ademais, quem seria, no Brasil, o povo a quem o filósofo vinha propor uma literatura engajada nos problemas nacionais? Foram, principalmente, Néelson Werneck Sodré e Roberto Schwarz a quem recorri para polemizar sobre a idéia de povo.

Adolfo Casais Monteiro, motivado pelos debates durante o Congresso do Recife, perguntava-se se a literatura popular não poderia ser uma literatura “difícil”, arte superior. O crítico português chegou a pensar em Guimarães Rosa como seu modelo. Mas a proposta de Sartre trazia implicações quanto à concepção estilística da obra. Sustentava, já em *Que é a literatura?*, que no romance a linguagem deve ser instrumento para revelar possibilidades de transformação da realidade ao seu público. Mas, seria pertinente ao campo da literatura pensar em uma anulação do estilo individual enquanto arranjo autoral de palavras e idéias? Procurei recorrer a Antonio Candido para tentar esclarecer os problemas estético e ideológico da literatura.

Finalmente, na quarta parte, proponho-me a tratar dos ecos da produção dramática de Sartre, assim como de suas propostas teóricas para essa arte, no meio teatral brasileiro. A idéia de um teatro de situações é objeto de polêmica no Brasil, mesmo antes da vinda do pensador. Não se perderia nele a autonomia dramática? Os críticos Sábato Magaldi e Benedito Nunes discutem essa problemática principalmente na peça *Os seqüestrados de Altona*, então recém-lançada.

A obra teatral de Sartre é objeto de aproximações com autores nacionais, Sábato Magaldi desenrola interessante fio para a leitura de *O demônio familiar*, de José de Alencar, sob a óptica dos conceitos sartreanos de liberdade e responsabilidade. *O abajur lilás*, de Plínio Marcos, é objeto de aproximações com *A prostituta respeitosa*, sob a óptica da alienação do oprimido. São abordadas, ainda, montagens de peças de Sartre no Brasil pelo T.B.C., Oficina entre outros grupos. Procuro também reconstituir os debates - em especial o encontro entre Sartre e personalidades brasileiras ligadas ao meio teatral ocorrido em São Paulo - sobre a importância do teatro como meio de agitação política. Nesse contexto, foi de suma importância a representação de *A engrenagem* pelo Oficina, eficiente na instrumentalização política das andanças e declarações de Sartre por aqui para divulgar essa montagem.

² Idem. *Op. cit.*, p. 280.

Em 1960, Sartre dizia-se fascinado pelo Brasil, revelou a Jorge Amado o desejo de voltar dois anos depois, apenas como turista, para observar mais atentamente nossa diversidade cultural. Tal declaração nos autorizou a esperar um número de *Les temps modernes* sobre o Brasil³, ou, ao menos, uma reportagem nos moldes da que fez sobre Cuba para *France-soir*. Sartre não voltou, calou-se sobre o Brasil. Talvez tivesse se decepcionado com o fato de a exaltada juventude que encontrou por aqui não ter realizado a revolução que ele talvez esperasse dos brasileiros. Pior, quatro anos depois de sua visita, o poder era usurpado por militares, depois da renúncia de Jânio Quadros, candidato que em 60 lhe pareceu simpático. Vivendo a experiência gaullista em seu próprio país, Sartre não podia crer que a candidatura de um militar sul-americano, Henrique Lott, mesmo apoiado pelas esquerdas, pudesse ser confiável. A visita que Jânio fez a Cuba e a condecoração que ofereceu a Che Guevara revelavam-se símbolos de um apoio inócuo àquela revolução, o que talvez tenha tido o efeito de uma queda definitiva de máscaras ao olhar de Sartre. Afinal, apesar das mascaradas populistas que lhe foram apresentadas, Sartre, ainda por aqui, percebera o interesse epidérmico que nossas elites emprestavam aos problemas sociais. No Recife, exclamara ironicamente: “o Brasil é a maior democracia do Ocidente” e “no Brasil, parece que todo mundo é de esquerda”, frases que a imprensa populista se apressou a estampar em suas manchetes. Porém, em algumas reportagens, era possível ler também as conclusões de Sartre: “mas, é uma ditadura de 10 milhões que vivem nas cidades sobre 60 milhões de despossuídos que vivem no campo”; “quando se desce ao fundo das coisas, vê-se que há uma grande diferença entre os homens, dependendo de como eles pensam que alguma coisa deve ser rompida”.

Vinte anos mais tarde, em 15 de abril de 1980, Sartre morria em Paris, vítima de um edema pulmonar. A despeito do período de ditadura militar que ainda vivíamos, o filósofo renasce nas páginas dos principais jornais brasileiros. Porém, esses periódicos se restringem a fazer comentários sobre o valor de sua obra literária e filosófica, suas atividades políticas, as doenças que tolheram sua capacidade de trabalho nos últimos anos de vida, assinalam também seu sentimento de amizade pelo então presidente Giscard D’Estaing - a quem em 1974 endereçou, por carta, um pedido de naturalização de seu amigo e discípulo Benny Levy, sendo prontamente atendido⁴ -, apesar de suas divergências políticas. Mas pouco restava, no imaginário coletivo, da profusão de atividades e reflexões estimuladas nos meios artístico, intelectual e sindical pela presença de Sartre no Brasil.

O clima geral perceptível nos textos que anunciavam a morte do filósofo era de respeito e, quase sempre, exaltação em relação ao homem engajado que foi e à grandeza de sua obra literária. Sobre a obra propriamente filosófica, pairavam

³ Em 1968, o número 257 de *Les temps modernes* é preparado exclusivamente com artigos de intelectuais brasileiros, mas não há nenhuma menção à viagem de Sartre e Simone de Beauvoir ao Brasil.

⁴ Simone de Beauvoir. *A cerimônia do adeus*, p. 104.

dúvidas quanto ao valor, em especial quanto à tentativa de integração entre Existencialismo e Marxismo. Polêmico era, principalmente, o “existencialismo dos cafés”, visto por alguns como manifestação viva - situada entre o mito e a real exaltação do prazer de viver - de sua filosofia⁵; por outros, com certo desdém, como, talvez, cenário extraordinariamente funcional para uma personagem viva, forjada em função do próprio *marketing* pessoal de seu autor-ator.

Geraldo Mayrink, escrevendo para a revista *Veja*, dizia: “Com suas peças, romances, discursos e viagens, mais que com suas reflexões filosóficas, Sartre conseguiu um milagre: ser um autor de sucesso.”⁶.

Entretanto, o Professor Luiz Roberto Salinas Fortes, sem proscrever Sartre do universo filosófico, considerava a imagem pública que ele contribuiu para criar de si uma vertente de sua própria obra; era a moral, viva, que prometera realizar ao final de *O ser e o nada*:

Não estaríamos, afinal, diante da “Moral” que ele tanto promete desde *O ser e o nada* e que nunca escreve, mas que acaba escrevendo em pessoa, transformando-se em signo, a exemplo de alguns filósofos da Antigüidade?⁷

Gérard Lebrun também afirmava que a união entre convicção filosófica e vida era já sua filosofia, cujo conceito de liberdade ele nunca abandonou. Afinal era o homem que ele pretendia reinserir no Marxismo, ocupando o lugar de uma dialética da natureza, cara a Engels. Foi sempre fiel à idéia de escrever a História em termos de liberdade⁸. E o desenvolvimento desse conceito, para o crítico Nogueira

⁵ “Agora está virada a página dos cinquenta anos para muitos dos que, naqueles anos, tiveram vinte anos em Paris - onde Saint Germain-des-Prés era o seu reino. Não que ele passasse o tempo todo no Café de Flore, como desde cedo afirmou a lenda. Mas acontece que, bem ou mal, ele se tornou o símbolo do ‘Saint-Germain’ de então, de sua doçura de viver, de sua liberdade de comportamento, de seus ‘existencialistas’ - como se dizia, estremecendo, no seio das famílias. Perdoem-me, pois, se não lhes falo do *Imagário* nem da *Transcendência do ego*, porque tenho idade para ter conhecido um Sartre que traumatizava os ‘humanistas’ e chocava os conformistas. E não é a Husserl ou a Heidegger que associei imediatamente seu nome, mas antes a Juliette Gréco sussurrando maliciosamente as canções de Queneau, ao pistom de Boris Vian, à estréia dos Frères Jacques no Rose Rouge, a tantas outras coisas que, dentro daquele estreito perímetro, deram o estilo e o tom de toda uma época.” (Gérard Lebrun. “Sartre em seu tempo”. *Jornal da Tarde*, 19 de abril de 1980.)

⁶ Geraldo Mayrink. “Os Caminhos de Sartre”. *Veja*, nº 607, 23 de abril de 1980.

⁷ Luiz Roberto Salinas Fortes. “Sartre: na obra e no homem, as contradições de nosso tempo.” *Jornal da Tarde*, 19 de abril de 1980.

⁸ “Para além do ‘engajamento’, das polêmicas, dos julgamentos apressados, havia uma vontade intransigente de reunir o universal e o episódico, a convicção filosófica e a vida. E não era, em absoluto, uma pose: era já sua filosofia. Sim, através das vozes confusas dos ‘anos loucos’ que o viram surgir para a glória, havia simultaneamente carregado e parasitado por tanta algazarra um discurso de uma coesão tão firme e determinada como o de Descartes ou de Fichte.” (Gérard Lebrun. *Op. cit.*)

Moutinho, seria o aspecto mais original de sua filosofia⁹. Entretanto, considerava Lebrun, a liberdade parecia estar morta para a juventude francesa, num momento em que estava mais preocupada com seus empregos e realização material que com a autenticidade, princípio que dominou Saint-Germain-des-Prés sob a luz de Sartre durante os anos de 1940 e 50¹⁰.

No artigo de Geraldo Mayrink há uma única referência à passagem pelo Brasil, quando relembra a ação política de Sartre:

Sartre apoiou ainda, por meio de uma série de reportagens, a revolução cubana em 1960 (o mesmo ano em que passou pelo Brasil), todos os processos de descolonização africana, os estudantes rebeldes de maio de 1968; foi um dos inspiradores do Tribunal Russell, que em 1967, em Estocolmo, promoveu processos contra a intervenção americana no Vietnã.¹¹

Nesse contexto de engajamento político nas questões, então, na ordem do dia, Jorge Amado, em declaração para o *Jornal da Tarde*, elevava Sartre à condição de figura intelectual mais importante do pós-guerra, especialmente por ter como tema essencial a liberdade humana¹².

Geraldo Mayrink recorta na obra e nos últimos depoimentos de Sartre um certo quê de desesperança em relação aos homens. A liberdade não realizada em atos de Mathieu Delarue, personagem de *Os caminhos da liberdade*, é interpretada como um gesto de conformismo em relação ao capitalismo:

O personagem de *Os caminhos da liberdade*, Mathieu Delarue, professor de Filosofia, detesta o capitalismo mas não deseja sinceramente seu fim, pois perderia os motivos de uma revolta que no fundo legitima sua liberdade. Natural, portanto, que dentro desse sistema exista a possibilidade de ser livremente vítima e carrasco, e nada na obra de Sartre permite estabelecer uma posição diferenciada entre essas duas escolhas.¹³

Licença interpretativa essa que poderia ser conveniente dentro da situação política que vivíamos então; mais que questionável no contexto da obra de Sartre. A

⁹ “Essa vontade de atribuir ao homem uma liberdade infinita é sem dúvida o aspecto mais original do pensamento sartreano. Se o homem é livre, ele o é sempre, em todas as condições e em todas as situações. Mesmo suas fraquezas, suas covardias são atos de sua liberdade: escolhe-se a covardia, como se escolhe a coragem e nessa linha o filósofo ensaísta esforça-se por demonstrar que Baudelaire, num certo sentido, desejou seus fracassos, e que atrás de seus fracassos encontramos, ainda, sua liberdade: ‘O homem, declara, é uma paixão inútil.’” (Nogueira Moutinho. “Uma existência de mãos sujas”. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 16 de abril de 1980.)

¹⁰ Gérard Lebrun. *Op. cit.*

¹¹ Geraldo Mayrink. *Op. cit.*

¹² “O escritor Jorge Amado, que recebeu Sartre em sua única visita ao Brasil, em 1960, disse que ele foi, ‘sem dúvida alguma, o homem mais importante do pós-guerra no campo intelectual.’” (“O elogio esperado: unânime no mundo inteiro”. *Jornal da Tarde*, 17 de abril de 1980.)

¹³ Geraldo Mayrink. *Op. cit.*

problemática de Mathieu Delarue não está centrada em uma revolta passiva e consentimento de “má-fé” em relação ao sistema capitalista, mas, da óptica existencialista, na incapacidade de realização de sua liberdade. Essa personagem não é capaz de comprometer-se, problema que perpassa diversos aspectos de sua vida: seu amor, que permanece platônico, por Ivich; a gravidez indesejada de sua amante, Marcelle; a possibilidade de casamento, que rejeita; o voto nas eleições, que também despreza; a recusa por lutar na Guerra Civil Espanhola ou por ingressar no Partido Comunista; o descaso em relação à iminência da guerra, que acaba por açambarcá-lo e exigir irremediavelmente um compromisso. Muito mais que o contexto histórico em que dominam as relações de produção capitalistas - em relação ao qual Sartre assume posições diretamente combativas em outros textos -, em *Os caminhos da liberdade*, parece-me, o autor pretende representar as possibilidades de ação, livre e responsável, na iminência da situação limite da guerra - e já na própria guerra, em *Com a morte na alma*, terceiro volume dessa trilogia.

Geraldo Mayrink assinalava nos últimos depoimentos de Sartre - entrevista feita por Benny Levy para *Le Nouvel Observateur*¹⁴ - também a desesperança em relação às possibilidades revolucionárias por meio da literatura:

Disse, em sua última entrevista, que jamais sentira angústia e que só observara a miséria do ponto de vista dos outros, mas havia uma ponta de depressão, ou pelo menos de aflição, em sua afirmativa de que para lutar contra a fome é preciso mudar o sistema político e econômico, e que nesse combate a literatura só pode desempenhar um papel muito secundário. Desencantara-se de vez com as manifestações de rua e com toda idéia de partido político: “O partido é a morte da esquerda”.¹⁵

J. B. Natali, então correspondente da *Folha de S. Paulo* em Paris, via criticamente o fato de Sartre ter sido relegado pelos mesmos modismos intelectuais que o projetaram. Acreditava na posteridade da obra de Sartre, pensador que considerava imensamente lúcido:

É cedo para saber até que ponto a perenidade da produção de Sartre se associará à literatura e à dramaturgia do século 20 ou também evidenciará seu trabalho filosófico. Os modismos franceses que o projetaram foram os mesmos que o relegaram, bem antes de sua morte, a um relativo esquecimento. E esses mecanismos são poderosos instrumentos de censura, atribuindo etiquetas honrosas a trabalhos de perenidade reduzida ou desprestigiando obras cuja importância renasce depois.

Não perdemos por esperar. Eu, pessoalmente, aposto em Sartre como alguém que abandonará os frígidos manuais de História da Filosofia para readquirir a dimensão de um dos sujeitos mais lúcidos que já pisou nesse reino de França e Navarra. Inclusive refletindo

¹⁴ Traduzida e publicada em três partes, com o título de “O testamento de Sartre”, pelos periódicos *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*, nos dias 16, 17 e 18 de abril de 1980.

¹⁵ Geraldo Mayrink. *Op. cit.*

uma guerra perdida quando, já velhinho, enveredou pelos discípulos de Mao para combater o autoritarismo que coexiste com o liberalismo francês.¹⁶

O Pasquim, jornal das esquerdas que sobreviveram pelo riso à ditadura, na brincadeira que se propôs a fazer - o subtítulo da matéria é "*Pasquim* tenta fugir da choradeira geral, rindo no velório..." -, parecia refletir a interrogação coletiva que a morte de Sartre teria deixado sobre o valor de sua obra¹⁷. Em breve conto de Fausto Wolff, Sartre é transposto para uma espécie de reino da morte, onde vive a incômoda situação de ser hostilizado por figuras como Karl Marx, Freud, Lou Salomé, Nietzsche, Ortega y Gasset, Heidegger, Picasso entre outros. Acaba vagando à procura do inferno e de um sentido para a existência. Até chegar à frente do portão de um imenso castelo, cujo leão-de-chácara é Franz Kafka, que não o deixa entrar, pois Sartre, por ser novato, não tem ainda recibos de água, luz, gás e outros instrumentos burocráticos que lhe são exigidos¹⁸. Terá o autor querido alegorizar a insuficiência de valor e... de lucidez do pensamento de Sartre?! Um estranho no limbo destinado aos homens de idéias?!

Hoje, vinte anos depois de sua morte, Sartre vai ganhando, ao que parece, seu espaço nesse limbo. Pensando no sentido para o público, ele havia previsto que sua obra sobreviveria à própria morte por uns cinqüenta anos. Talvez ainda seja cedo para saber. Sartre passava por um penoso período de esquecimento, iniciado nos anos 60 e agravado em virtude das doenças que restringiram suas capacidades de ler e de se locomover - mais um sinal da harmonia que representava como experiência viva de sua filosofia, pois existia pela ação¹⁹. Mas, como possíveis sinais de revalorização de sua obra, *O ser e o nada* ganhou sua primeira tradução no Brasil, por Paulo Perdígão, em 1997. Suas idéias sobre liberdade e responsabilidade retornam na contracorrente de um mundo que acirra o processo de morte do homem para dar vida à mercadoria. Sartre, nesse contexto, volta a nos incomodar por sua

¹⁶ J. B. Natali. "Lúcido até o fim, o mestre virou guerreiro do passado". *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 16 de abril de 1980.

¹⁷ Fausto Wolff. "O inferno são os outros". *Pasquim*, nº 565. Rio de Janeiro, 25 de abril a 1º de maio de 1980.

¹⁸ "Lá fora, Sartre insistia:

— Mas, Franz, você é um escritor como eu. Precisa me ajudar. É aqui que é o inferno?

— Ora, não diga bobagens, Jean Paul! Aqui é o castelo do deus de plantão.

Sentindo a confusão do ser e do nada, Kafka tentou ser gentil:

— Então, Jean Paul? Está gostando?

— Você até que é um cara legal. Optou por alguma coisa. É guarda do Castelo. Deu um sentido à sua vida. Mas, pô - explodiu - os outros são um inferno!" (Idem. *Op. cit.*)

¹⁹ "A notícia mereceu primeira página em quase todos os jornais do mundo: Sartre está morto. Terminava assim um pesado silêncio - levemente interrompido com a notícia de sua internação há cerca de um mês - que envolvia o filósofo existencialista desde que a cegueira quase completa dos últimos cinco anos o condenou ao silêncio literário e a um quase ostracismo. A morte, de forma um tanto paradoxal, traz de volta aos meios de comunicação e às discussões de intelectuais aquele que foi o mais controvertido homem de letras da França contemporânea." (Luiz Roberto Salinas Fortes. *Op. cit.*)

atualidade. Presenciamos a ascensão da extrema-direita, e da xenofobia, na Europa; discutindo tal fato, popular cronista da imprensa paulista apela a Sartre para mostrar como a afirmação da liberdade e da responsabilidade seriam atos de subversão na ordem atual:

O Homem (como o chamávamos) caiu de nível, em matéria de aspirações. Aquele anjo com um futuro glorioso virou um sujeito de bermudas abacate e camisa laranja, falando no celular e num mundo chato como um parque temático.

Fiquei inspirado, meio “sartreano” e escrevi: Ninguém quer ser livre. A liberdade nos faz desamparados, pequenos, perdidos no universo. Queremos respostas, líderes, até castigos, para não sermos indivíduos soltos na galáxia, sem rumo.²⁰

Resta-nos, enfim, o incômodo que Sartre pode trazer com sua exigência de lucidez e liberdade - conceito que, para ele, se define pela possibilidade, e pela coragem, de dizer não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. (1965). *Sob o signo da História*, volume II. Tradução de Maria Jacintho. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- _____. (1982). *A cerimônia do adeus*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- CANABRAVA, Eurialo. (1941). *Seis temas do espírito moderno*. São Paulo: S.E. Panorama Ltda., Coleção Estudos e Documentos, vol. II.
- FORTES, Luiz Roberto Salinas. “Sartre: na obra e no homem, as contradições de nosso tempo”. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 19/04/80.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1941). *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- JABOR, Arnaldo. “A liberdade está entre Sartre e a lagartixa”. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 22/02/2000.
- LEBRUN, Gérard. “Sartre em seu tempo”. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 19/04/80.
- LIMA, Alceu Amoroso. (1956). *O Existencialismo e outros mitos de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora.
- MARCUSE, Herbert. (1973). “Arte e revolução”. In: *Contra-revolução e revolta*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- MAYRINK, Geraldo. “Os caminhos de Sartre”. *Veja*, nº 607, 23/04/80.
- MOUTINHO, Nogueira. “Uma existência de mãos sujas”. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 16/04/80.

²⁰ Arnaldo Jabor. “A liberdade está entre Sartre e a lagartixa”. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 22 de fevereiro de 2000.

- NATALI, J. B. "Lúcido até o fim, o mestre virou guerreiro do passado". *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 16/04/80.
- SARTRE, Jean-Paul. (1983). *A náusea*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- _____. (1997). *O ser e o nada*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes.
- _____. (1984). *O Existencialismo é um humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Coleção Os Pensadores, Editora Abril Cultural.
- _____. (1989). *Que é a literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Ática.
- _____. (1986). *Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara*. Edição bilingüe, tradução e introdução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- _____. (1960). *Furacão sobre Cuba*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.
- SCHWARZ, Roberto. (1992). Cultura e Política, 1964-69. In: *O Pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- SODRÉ, Néelson Werneck. (1962). *Quem é o povo no Brasil?* Cadernos do Povo Brasileiro, vol. 2. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- WOLFF, Fausto. "O inferno são os outros". *O Pasquim*, nº 565, 25/04 a 01/05 de 1980.